

Dança

Espaços de instabilidade

O Magazine conferiu as apresentações da Cia. Suspensa e do Clube Ur=HOR na Mostra de Processos do Rumos Dança

■ SORAYA BELLET ENVIADA ESPECIAL
■ SÃO PAULO. A investigação sobre a relação dos corpos com o espaço é o ponto de partida de duas pesquisas de grupos mineiros selecionados para o programa Rumos Dança 2009-2010, cuja Mostra de Processos acontece até domingo na sede do Instituto Itaú Cultural, em São Paulo. O Magazine foi conferir de perto as apre-

sentações da Cia. Suspensa e do Clube Ur=HOR, de Adriana Banana, que mostraram parte de suas pesquisas para a construção dos espetáculos "Alpendre" e "Espaço como Fluxo de Possibilidades", respectivamente, no segundo dia do evento.

Se as relações estabelecidas com a noção, o conceito e a apropriação do espaço servem de elemento comum a ambas as investigações, cada grupo estabelece seu próprio diálogo com esse estímulo inicial. No caso de "Alpendre", a Cia. Suspensa tem como objeto detonador de seu trabalho um plano horizontal suspenso do chão. Dependurada, esse plano solo é desestabilizado por natureza e pelo movimento dos corpos que o ocupam. "Tentamos manter uma frágil estabilidade ao mesmo tempo que a instabilidade nos impulsiona. Sobre esse pequeno platô expressamos proposições, enquanto o objeto faz vez de chão, cama, rampa, mesa", explica o material distribuído pelo grupo formado por Lourenço Marques, Patrícia

Menata, Roberta Menata e Tana Guimarães.

"Esta pesquisa tem a ver com a busca de elementos que tirem nossos corpos do padrão habitual. Um chão suspenso cria formas físicas para sair do comum. Nosso jogo é ver como o corpo se comporta nesse outro contexto, para que caminhos eleval", explica Lourenço.

Adriana Banana e seu grupo de intérpretes-criadores já partem de uma hipótese em sua pesquisa: o espaço não é fixo nem absoluto, sendo sua configuração relacional e, por isso mesmo, instável por natureza. "O espaço é indissociável do tempo e sua materialidade se dá quando uma das possibilidades se concretiza. Assim, nossa proposta é que o espaço não deve ser e, sim, poder ser", explica Banana. "Espaço não é a mesma coisa que lugar. Porque o lugar é sempre o mesmo, mas o espaço muda o tempo inteiro, ele sempre tem as relações nele inseridas. O espaço é vivo", completa a diretora de "Espaço

como Fluxo de Possibilidades", com estrela prevista para junho.

Para investigar seu pressuposto, a coreógrafa e pesquisadora resolveu trabalhar com seus colaboradores conceitos como bifurcação e multivetorialidade. "A ideia é buscar padrões de movimento que fujam da linearidade, como, por exemplo, criar diferentes vetores de direção simultâneos para diferentes partes do corpo", contextualiza.

Um diferencial na mostra deste ano do Rumos foi a aposta nos processos de criação no lugar da mostra de resultados, ou seja, de espetáculos. O evento contou com a presença de André Lepecki, professor associado do departamento de Estudos da Performance da Universidade de Nova York. Foi o tema multivetorialidade sobre o que se apresenta mostrar algo inacabado, ainda em construção. "A palavra 'stage' pode significar palco ou etapa em inglês. O processo é uma etapa antes de chegar ao palco, mas que pode ser visto como um espaço de utopia: daquilo que ainda pode vir a ser".

A REPÓRTER VIAJOU A CONVITE DO EVENTO

CONTINUA NA PÁGINA 2

Mais mineiros

➤ Ainda na Mostra de Processos Rumos Dança, Renata Ferreira assina a pesquisa, criação e performance de "Volátil", em que investiga as relações de poder e submissão.

➤ Embora nascido em Volta Redonda, e em Uberlândia que Wagner Schwartz desenvolveu a maior parte de sua trajetória na dança. Ele mostrou a pesquisa "Piripinha - Dramaturgia de Migração".



Os bailarinos-criadores Tuca Pinheiro, Karina Colação, Lívia Rangel e Raul Corrêa mostram exercícios dirigidos por Adriana Banana para a pesquisa "Espaço como Fluxo de Possibilidades". No alto, a Cia. Suspensa apresenta sua investigação para "Alpendre"



Em "Alpendre", Cia Suspensa explora efeitos da instabilidade

MIGUEL ANUNCIÇÃO
CRÍTICO/ESPETÁCULOS

Conforme a região do país, o termo 'alpendre' designaria espaços arquitetônicos bastante diferentes um do outro. A Suspensa, porém, prefere o que se diferencia de uma varanda por conectar as partes internas de um imóvel ao mundo externo, o lhe que dá acesso à rua. É por isso que "Alpendre" nomeia o novo espetáculo da cia mineira, que estreia cumprindo sessões às 16 e às 19 horas de hoje e amanhã, no Teatro Marília, como parte da 14ª edição do Fórum Internacional de Dança (FID).

Concebido, interpretado e coreografado por Lourenço Marques, Patrícia Manata e Tana Guimarães, o espetáculo explora os efeitos de instabilidade e des/equilíbrio provocados quando algum dos três tenta se manter de pé sobre platô suspenso do chão.

Embora não busque teatralizar gestos do cotidiano, o esforço despendido em cena deixaria bem claro como o corpo inteiro estaria interligado. Como os movimentos à vista influenciariam o que o público não pode ver, a relação entre dentro e fora.

Como a ação do platô leva gestos bem simples, como levantar uma perna, a gerar movimentos bastante complexos. Daí a razão do título desta montagem, pesquisada durante sete meses, graças ao patrocínio do Itaú Rumos Dança, e depois formatada como espetáculo ao longo de

mais nove meses de ensaios.

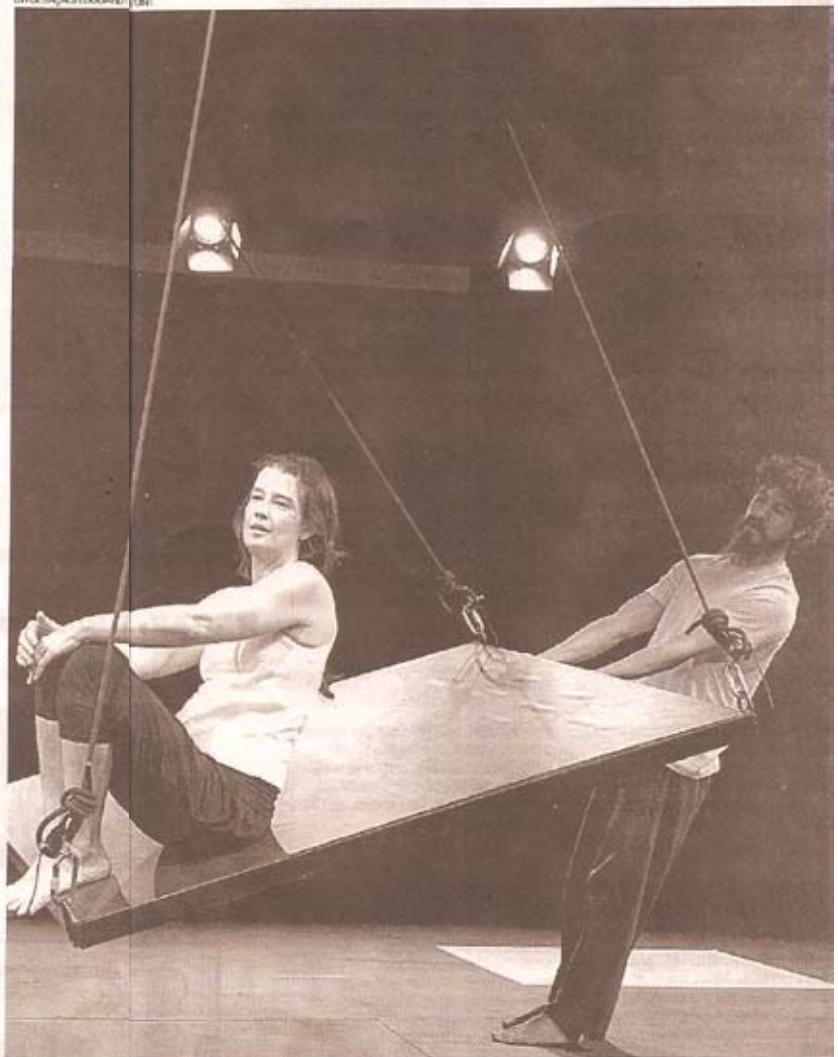
Apesar de nunca ter sido projetado para entreter crianças, "Alpendre" também integra a programação do Fidinho, a grade específica para menores que o FID já mantém há três edições - semana passada, "Um Lugar que Ainda não fui", da Cia Meia Ponta, foi escalado neste recorte.

Não será nova a presença do público infantil em espetáculos da Suspensa, núcleo de dança/circo decorrente do grupo Armatrux.

**Além de "Alpendre",
a 14ª edição do FID
programa outros
quatro espetáculos
neste final de semana**

Desta vez, enquanto os adultos podem apreciar a subversão das regras do equilíbrio físico humano, que os reportará com certeza à maneira com que dispõem de seus corpos numa gama infinita de atividades cotidianas, a criançada poderá se deleitar com o tom lúdico inerente ao espetáculo. Com a graça inevitável de quem perde o controle no que tenta fazer. Aquilo que escapa. A falta de domínio sobre o que se acredita já dominado o suficiente.

IMAGEM: EDUARDO VENTURA



Durante o espetáculo, o público adulto poderá apreciar a subversão das regras de equilíbrio



EDUARDO FERREIROS/DIVULGAÇÃO

JANAINA CUNHA MELO

A estreia da Companhia Suspensa no Fórum Internacional de Dança (FID) será no fim de semana, com o espetáculo *Alpendre*. Desenvolvido pelos pesquisadores e bailarinos Lourenço Marques, Patrícia Manata e Tana Guimarães, a montagem traz a performance dos artistas em platô quadrado, suspenso por cordas, que não oferece estabilidade. O processo físico, que inicialmente se propunha a investigar o funcionamento do objeto central da cena, revela mais que a interação entre corpo e movi-

mento. *Alpendre* tem muito a dizer a respeito da sociedade e dos relacionamentos.

"Mesmo que não haja a intenção, observamos que, o tempo inteiro, as ações de uma pessoa interferem nos movimentos dos outros. Vivemos sem muita consciência disso, mas, com o suporte do objeto, foi possível entender e demonstrar como isso é evidente e ocorre a todo momento", comenta Tana Guimarães.

Contemplados com bolsa do programa Rumos, os artistas desenvolvem processo de pesquisa desde agosto do ano passado, também estudando outros elementos do platô, co-

mo as possibilidades de imagens resultantes da interação com os bailarinos em cena.

O título do espetáculo, *Alpendre*, faz menção aos espaços de convivência. "As crianças de hoje nem sabem o que é um alpendre. É importante tratar da importância desse lugar de comunicação, deslocamentos e conexões". O grupo aborda questões essenciais da dança, como equilíbrio e leveza, transitando por linguagens como a arte circense e a música.

"O circo nos ensina muito sobre dominar um objeto e fazer com que ele funcione da maneira como desejo para ob-

ter resultados esperados", explica Tana. Autor da trilha sonora, Bruno Santos acrescenta ao trabalho a ideia de reverberação, apropriando-se de sons produzidos pelo objeto, além de instrumentos de percussão.

Com sessão também na programação infantil do FID, *Alpendre* é recomendado para público de todas as faixas etárias. "As crianças se divertem. Nesse caso, risco e instabilidade são tratados de maneira muito lúdica. Isso chama a atenção delas". É a primeira vez que o grupo faz sessão específica para essa plateia. Para Tana Guimarães, a experiência tem muito a acrescentar aos

artistas. "O espetáculo será o mesmo, mas a presença das crianças muda o clima e o ambiente", conclui ela.

em.com.br
NA INTERNET

VÍDEO
Veja trecho de *Alpendre*

ALPENDRE
Teatro Mariño, Avenida Alfredo
Bafena, 585, Centro, (31) 3277-6319.
Amanhã e domingo, 16h e 19h.
R\$ 2 (inteira) e R\$ 1 (meio-entrada).

segunda 8
15h Teatro
Coletivo – Sala 1
pesquisa

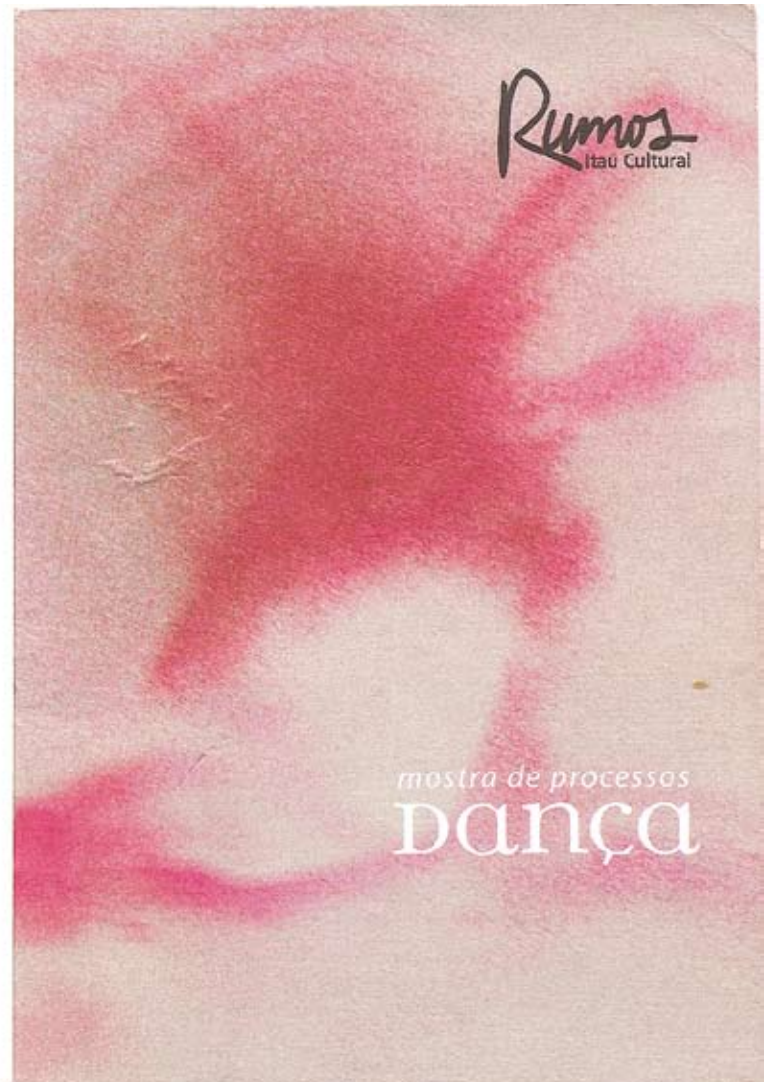
Alpendre

Um plano horizontal suspenso do chão é o objeto mediador desta pesquisa. Nesse chão dependurado, o movimento de um provoca a instabilidade do outro. Tentamos manter uma frágil estabilidade ao mesmo tempo que a instabilidade nos impulsiona. Sobre esse pequeno platô, expressamos algumas proposições, enquanto o objeto faz a vez de chão, cama, rampa, mesa, balanço ou apenas um plano.

Bailarinos-pesquisadores Lourenço Marques,
Patrícia Manata, Roberta Manata e Tana Guimaraes
Preparação corporal Gabriela Cristóforo
Produção Sheila Katz
Gerência financeira Cristiane Papini
Duração 20 min

A Cia. **Suspensa** (MG) trabalha principalmente sob dois aspectos das artes cênicas: a dança e o circo contemporâneo. Desenvolve projetos de pesquisa nas interseções de linguagens do movimento, tanto na criação de performances e espetáculos quanto em projetos educativos. Fazem parte de seu histórico os espetáculos *Pouco Acima* e *De Peixes e Pássaros*; a pesquisa *Sem os Pés no Chão*; e o projeto educativo *Objeto de Voo*.

 alpendre4.wordpress.com





Dança

Intercâmbio de saberes



Neste mês, a Faculdade de Artes do Paraná (FAP) realiza um evento de grande importância para o desenvolvimento da dança no estado. O III Simpósio e a VI Mostra de Dança da FAP promove o encontro entre professores da instituição, artistas locais e o público, além de contar com artistas convidados de outras cidades e professores de diferentes universidades do Brasil.

O evento alia duas indispensáveis realidades do ensino superior: a pesquisa e a extensão. No que se refere à pesquisa, promove a prática sensível e crítica de processos de criação que envolve a partici-

pação dos alunos. Já através de oficinas, espetáculos e palestras, o objetivo é produzir conhecimento em dança. Desta vez, a programação inclui uma homenagem aos 25 anos do curso de Dança da FAP. Haverá momentos com depoimentos, encontros entre alunos, ex-alunos e professores.

Nesta edição, o Programa da Mostra e o Simpósio contam com a participação da Prof. Dra. Jussara Setenta (UFBA), a artista Ana Alonso (SC), Laura Pronsato (MG); Fernando Nascimento (PR), Cia Flutuante (MG), Máille Borsato (PR), Viviane Morteau (PR), Luciana Costa (SP) e Elton Salvador (Portugal).

20 a 24 de setembro

**III Simpósio e VI
Mostra de Dança da FAP**
Horário: Manhã e tarde
Local: Teatro Laboratório
da FAP
Ingresso: Gratuito



III Simpósio e VI Mostra de Dança da FA
foto: divulgação

Pág 06
**Curitiba recebe a III
Bienal Brasileira de
Design**

Pág 26
**Murilo I
Perazz
no Teat**

APOIO **GAZETA D**